

## Práticas interdisciplinares com a Agricultura Natural e seus Desarolos *Sin-cerus*<sup>1</sup> por jovens reclusos em instituição de re-socialização

Rodrigo Mendes Rodrigues<sup>2</sup>

### RESUMO

O Escopo deste trabalho é apresentar reflexões decorrentes de atividades realizadas em instituição interiorana de re-socialização de jovens que apresentaram em liberdade comportamentos “inadequados” frente aos parâmetros legais vigentes. Entre as atividades realizadas, buscou-se o amparo metodológico da interdisciplinaridade. Foram realizadas atividades visando a *biofilia*, como mecanismo para sensibilizar os jovens a práticas no meio ambiente e conseqüentemente o aproximar dos internos a conceitos como a *paciência*, *respeito*, *ouvir atento*, vinculados a práticas em uma horta que foi construída baseada em práticas da Agricultura Natural.

**Palavras-chave:** interdisciplinaridade; biofilia; Agricultura Natural;

### INTRODUÇÃO

As experiências que serão apontadas nesse material são o reflexo de atividades voluntárias realizadas no segundo semestre de 2009 em instituição interiorana de re-socialização.

Chegando a unidade fui questionado se teria condições de orientá-los em um projeto para a construção de uma horta em que os internos que apresentassem um “comportamento adequado”, realizassem atividades visando o sensibilizar, o caminhar para o natural. Esse convite foi ofertado tendo que em minha formação

<sup>1</sup> De “Sincero [Do lat. *Sinceru*, ‘sem mistura, sem malícia, puro’] Adj. 1 Que expressa sem artifício, sem intenção de enganar; franco, leal. 2. Que se mostra disposto a reconhecer a verdade; franco, leal (...) 3. Dito ou feito sem dissimulação: confissão sincera; depoimento sincero. 4. Verdadeiro, autêntico, puro: amizade sincera; arrependimento sincero. 5. Cordial, afetuoso. (...) 7. De boa fé; sem impostura ou malícia: As negociações se processaram de modo sincero.” (FERREIRA, 1999, p. 1589). **(o grifo é nosso)**

<sup>2</sup> Rodrigo Mendes Rodrigues: Mestrando em Educação - Currículo (PUC - SP), Especialização stricto-senso em Filosofia Contemporânea Ética (UFSJ), Especialização em Gestão Escolar (Educon) e Especialização lato-senso em Filosofia Clínica (Instituto Packter). Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de São João del-Rei (2005). Atualmente é professor da Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista (FESB) e professor efetivo da Rede Estadual do Estado de São Paulo. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética, Educação e Estética, atuando principalmente nos seguintes temas: Interdisciplinaridade, Nietzsche, filosofia, educação, cultura, cidadania, genealogia, esteticidade. CONTATO: e-mail: rodrigofilosofiaclinica@hotmail.com

acadêmica, cursei três anos do curso de engenharia agrônoma, entre outras disciplinas de cursos correlatos, na Universidade Federal de Lavras em Minas Gérias. Dentre alguns motivos que fizeram com que eu abandonasse essa formação, foi o afastamento da academia-científica, com seu olhar positivista, do que seria o mais saudável para o mundo, onde temos um certo deslocamento do homem, como se este não fosse membro da natureza. Essa falta de “conexão” é um dos fatores que desenvolveu o materialismo e egoísmo humano e entre as consequências, como será demonstrado nas linhas seguintes, estão os internos dessa instituição.

Gostei muito da proposta firmada e fui ver, sentir e pensar a área selecionada, lembrando-me dos escritos de Ivani Fazenda, que sempre nos expõe que “conhecer o lugar de onde se fala é condição fundamental para quem necessita investigar como proceder ou como desenvolver uma atitude interdisciplinar na prática cotidiana” (FAZENDA, 2010, p. 3).

Foram construídos, sob orientação da direção da instituição, retângulos de alvenaria de tijolos, com cerca de uns dez metros de comprimento, um metro e meio de largura e uns quarenta centímetros de altura. Esses retângulos, futuros canteiros, foram preenchidos com terra avermelhada que necessitaria de certo trabalho de revitalização e energização, ou seja, de tempo e paciência para a realização de um trabalho, visando o processo de Agricultura Natural. Abaixo estarei descrevendo o que seria esta técnica da agricultura e respectivamente os processos e resultados alcançados.

## **AGRICULTURA NATURAL**

A prática da Agricultura Natural apresentou-se em minha formação como prática filosófica que contundentemente influenciaram minha visão de mundo e práticas que pudessem ser desenvolvidas durante essa pesquisa. Uma prática agrícola que me aproximou do amor a vida (*bio-filia*) e por consequência fizeram do meu expressar e estar com o outro como processo de resignificação e amorosidade.

A Agricultura Natural é definida como um sistema de exploração agrícola que se baseia no emprego de tecnologias alternativas, as quais buscam tirar o máximo proveito da natureza, das ações do solo, dos seres vivos, da energia solar, de recursos hídricos. As técnicas da Agricultura Natural fundamentam-se no método natural de formação do solo, com interferência humana em concordância às leis da natureza (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 2002, *on-line*), que seriam as próprias Leis Universais, a Verdade.

Esta forma de agricultura se iniciou e foi instituída na década de trinta pelo filósofo japonês Mokiti Okada (1882 – 1955), é desenvolvida respeitando-se os princípios da Natureza, tomando-a como modelo e obedecendo-se às suas Leis Universais. A filosofia de Okada preconiza que a Natureza, no seu estado original, é a Verdade, e deve, portanto, ser respeitada (PLANETAORGANICO, 2002, *on-line*).

Para compreendermos o que o pensador quer nos transmitir como Verdade, se coloca bem uma de suas explicações e metáforas:

Em primeiro lugar, no sofredor não há, fundamentalmente, Verdade. O homem deve ser sadio por natureza. Quando ele perde a saúde espiritual ou material, significa que deixou de ser o que era: Verdade. Tomemos por exemplo uma jarra: se ela apresentar um defeito, perdera sua utilidade. Como objeto, nela não há Verdades se deixar vazar água, se cair quando a colocarmos em pé, ou quebrar quando tentarmos usá-la. Para que a jarra possa ser utilizada, é preciso consertá-la (OKADA, 1995, p. 123).

Conforme Mokiti Okada esclarece em diversos ensinamentos, a humanidade, no curso do seu desenvolvimento, veio gradualmente se afastando da Lei da Natureza, até promover o atual estágio de degradação do meio ambiente, em nível quase irreversível de destruição.

Já em 1935, ele afirmava: “O método agrícola que negligencia o poder do solo, as plantações e a Natureza prejudica não somente o solo, mas todo o ambiente de cultivo, criando uma nova crise na humanidade”. Sua filosofia preconiza a identidade espírito e matéria, defende a tese de que o espírito é inerente, não somente aos seres humanos, mas aos animais, vegetais, enfim, a todos os seres. Sendo o solo o maior organismo vivo do planeta, é de se considerar a importância do respeito que a ele se deve ter para a preservação da vida humana, em níveis espirituais e materiais, razão por que a Agricultura Natural centra, nele, a base de seu trabalho (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 2002, *on-line*).

Mokiti Okada acreditava que a harmonia e a prosperidade de todos os seres vivos só poderia ser assegurada pela preservação do ecossistema, obedecendo-se as leis da natureza e respeitando o solo (MIYASAKA, 1983).

Baseado nessa prática, buscou-se trabalhar com o internos da Fundação Casa, a perspectiva da vivificação do alimento, levando-os a compreender que a vida pode ser expressa numa relação natural de comunhão e equilíbrio. Relação que estes vieram a apontar que nunca tinham recebido no transcorrer de suas vidas. Que nunca tinham pensado na origem de seus alimentos e como as práticas executadas para sua produção eram tão complexas, o que os levou a uma relação de **reconhecimento** pelo outro.

## **DESENVOLVIMENTO: aprendendo com a natureza, naturalmente...**

Após breve elucidação sobre a prática da Agricultura Natural, vamos aos passos desenvolvidos. As atividades na instituição tiveram como parâmetro, a libertação desse que lhes escreve, dando abertura no pensado e na relação do que poderia encontrar, na incerteza. O valorizar do incerto se mostra uma conquista da autonomia, do pluralismo de ideias e da vivência em ambientes que podem

demonstrar interpretações diversas, o que leva a evitar uma leitura fragmentada acompanhada de distorções (FERREIRA, 2001, p. 18).

Como metodologia, a interdisciplinaridade se apresentou como fundamentação para o desenvolvimento das atividades através do ouvir e falar sensível em comunhão e conexão com a *bio-filia*.

A missão ofertada foi vista como possibilidade de crescimento, de amadurecimento, de rompimento de prejuízos.

O primeiro passo para a realização das atividades, foi o estabelecimento do contato com o engenheiro e pesquisador Sr. Pedro Oda, que possui pesquisa e área de plantio alicerçado na Agricultura Natural acerca de 15 anos. Esse se mostrou animado com a possibilidade de levar aos jovens da instituição as técnicas de agricultura proferidas por Mokiti Okada. Foi marcada palestra para os internos que fossem fazer parte do projeto, juntamente com alguns funcionários que estariam dando sequência às atividades.

Ao apresentar a proposta da horticultura, alguns jovens se mostraram ansiosos para ver os resultados do plantio, o que não poderia se dar em sua completude, tendo em vista que alguns estariam saindo da instituição em poucos meses, momentos que antecederiam as relações naturais de desenvolvimento das plantas e sua colheita. Dessa forma, foi trabalhado com estes a importância da paciência frente ao respeito com a vida. Paralelamente se demonstrou aos jovens que existe na vida o momento certo para cada realização, assim como as plantas que precisam crescer, fase por fase até o seu amadurecimento.

Durante o primeiro contato com a horta, os garotos se mostraram muito felizes, e demonstraram relações *sin-ceras*. Aqui se dá o momento de esclarecer a utilização desse termo em suas relações epistemológicas que geraram a utilização desse no título. Na história da arte, temos principalmente no período renascentista, em que muitos artistas ao esculpirem suas obras no processo de criação, geravam “falhas” nas obras, e estes defeitos eram cobertos com um pó de mármore misturado a cera de vela. As obras produzidas sem esse mecanismo corretivo, eram chamadas “sem-cera” o que gerou a definição de uma obra sincera. Até os dias de hoje, ao terminarmos de escrever uma carta, utilizamos a palavra sinceramente, no sentido de boa fé, verdadeiro, sem malícia, de autenticidade.

Nesse sentido que se construiu o diálogo, a negociação, com os meninos, em que estes não emitiram ou esconderam suas “falhas”, com boa fé demonstraram confiança em colocações verdadeiras em cada relação histórica individual, foram sinceros.

Iniciando nosso diálogo, um desses chegou até mim e disse:

- Senhor, obrigado por estar aqui, faziam oito meses que eu não saía lá de dentro. Mexer no mato e na terra são até diferentes agora.

Estes jovens mexiam no mato que os rodeavam e levavam a terra até a altura de seus rostos para sentir seu cheiro. Fiquei deverás impressionado, com estas

atitudes. O valor atribuído por estes, no sentido de que o cárcere os deixou distantes das coisas mais simples, naquele momento pareciam ter um estima muito maior do que o dado antes do encarceramento, dos fatos do cotidiano.

Ao mexerem na terra, estes vinham até mim para mostrar os pequenos insetos que encontravam na terra. Eu explicava com muito carinho e calma, da importância daqueles insetos para o equilíbrio daquele pequeno eco-sistema. Um dos meninos me chamou correndo para mostrar uma lacraia branca que encontrou embaixo de um dos torrões e me afirmou:

- Senhor, vou matar, deve fazer mal.

Usando minha intuição do momento<sup>3</sup>, sem compor ou decompor, disse a ele que não o fizesse e chamei os outros meninos para ver o inseto e lhes expliquei que a vida, desde a mais ínfima até a mais complexa, é importante e deve ser preservada. Que todas as coisas do mundo se encontram em uma relação de interdependência. Que muitas vezes julgamos pela aparência, assim como a sociedade fazia com eles, que por aquele inseto ser diferente ou feio, não significava que deveriam temê-lo, mas respeitá-lo dentro de uma dinâmica de equilíbrio da vida. Os meninos consentiram com a cabeça, mostrando que compreenderam ou sentiram as palavras brotadas. Em seguida, o menino pediu autorização a um dos guardas que nos acompanhava na atividade, para levar o inseto a um monte de terra distante de onde estávamos, para que ninguém pudesse pisá-lo por descuido.

Esses procedimentos fizeram com que eu sorrisse acreditando em melhores momentos, lembrando que todos somos humanos frente à metamorfose de influências sócias e pessoais. Trouxeram-me esperança e desejo de continuar com trabalhos visando à *bio-filia*.

## IN-CONCLUSÕES

Deve-se ao olhar para o “movimento social” que nos circunda, com o mínimo de prejuízo, na perspectiva de ausentar-nos, buscar alhures na distância, numa visão de autenticidade no interdisciplinar, pois “a interdisciplinaridade permite-nos olhar o que não se mostra e intuir alcançar o que ainda não se consegue, mas esse olhar exige uma disciplina própria capaz de ler nas entrelinhas” (FAZENDA, 2000). Assim, como nosso maravilhoso literato brasileiro, Machado de Assis, olhamos os personagens da vida de cima, de longe, para posteriormente fazer uma análise

<sup>3</sup> Referência Henri Bergson (1849 – 1941), que afirma que devemos fazer mais uso de nossa intuição, numa relação de transcender a esfera do inteligível, de forma criativa buscar os limites, o *élan vital*, numa apreensão imediata sendo evidenciada pela experiência interior. Essa proposta de caminhar da humanidade em busca de uma verdade metafísica pode ser bem vista na seguinte frase do pensador: “Finalmente, aparece no homem, embora só em forma de fugazes arranques, a *intuição*, na qual o instinto se tornou desinteressado e capaz de reflectir sobre si mesmo. Além disso, o homem é livre. Todo este curso evolutivo conduz, portanto, a libertação da consciência do homem, e este aparece como o fim último da organização vital sobre o nosso planeta” (BERGSON, 2001).

crítica e o mais holística<sup>4</sup> possível, uma visão do todo e simultaneamente observar as partes, integrais, e indissociáveis. Feito um anjo, observar de cima, do canto no teto de uma sala, vendo o acontecido e julgando como um demônio, sim, um anjo – demoníaco.

Mas, afinal, ao adjetivar-nos como anjo - demoníacos, o que podemos perceber de nossa atual relação social-educacional e como uma de suas consequências, o encarceramento das almas que apresentam um comportamento inapropriado as normas sociais?

Não se pode deixar de comparar o passado de gerações, com a atual perspectiva de nossos adolescentes. Claro, visamos o futuro. Queremos trabalhar o solo, pairando com as palavras dos sábios (como as de Mokiti Okada), com o contato da estesia, visamos regar as 'sementes'. Sabemos que algumas serão férteis é por essas que devemos lutar. Acreditar. Viver. Um futuro melhor não pode deixar de ser uma luta acadêmica, um melhor construído por sementes que gerarão, potencialmente, novas sementes.

Não podemos encarar nossa atual situação social de forma pessimista, mas sim, de forma realística-shopenheuriana, e lembrando de Shakespeare, em que afirmou: "um dia se descortinará o verdadeiro drama divino, em que o palco, será nosso planeta". Aparentemente apocalíptico, mas uma possibilidade. Possibilidade gerada pelo próprio ser humano, em que desde o neolítico de sua história, nunca enfrentou momento como esse que assola nosso globo. As consequências do aquecimento global estão a gerar como probabilidade a extinção *voluntária* de nossa espécie. Esse fator provoca na formação dessa geração uma perspectiva muito negativa com relação ao futuro. Já apresentam, em sua maioria, uma falta de objetivos, de possibilidades para visualizar um destino, de lançar-se para, resumidamente, um vazio existencial que se expressa em várias estruturas, como as educacionais, profissionais, de convívio familiar, políticas, religiosas...

Essa esperança deve partir do educador, não desanimar frente à realidade, continuar buscando através da construção de novos valores, da transvaloração. Nosso futuro como espécie deve estar alicerçado em bases sólidas, educacionais, culturais e cidadãs.

Segundo Morin (2000, p. 36) a problemática universal na formação desse cidadão do novo milênio é o de obter acesso às informações sobre o mundo e como ter a

---

<sup>4</sup> "As concepções holísticas surgiram na epistemologia no século passado defendendo uma perspectiva *top-down*, ou seja: de que a compreensão dos fenômenos deveria processar-se a partir da compreensão do funcionamento – como um todo – do sistema observado. Deste modo, a causalidade fenomenal descritiva teria sempre que remeter para a unidade sistêmica" (...) "os fundamentos do conhecimento humano são de índole não-ontológica, de índole biológica, histórica e social, ou seja: remetendo, nas palavras de Quine, para uma 'epistemologia naturalizada'" (...) "ainda que observacionalmente a informação passível de aprendizagem seja dirigida para a dimensão cognitiva, ela só se tornará realmente fonte de aprendizagem se for filtrada, metabolizada e incorporada na unidade complexa do indivíduo, isto é, se for alastrada como uma metástese por todas as áreas bio-psico-socio-linguístico-ético-espirituais do ser humano em questão." (OLIVEIRA, p. 2-4).

possibilidade de articulá-las, organizá-las, percebendo e concebendo o contexto, o global, o multidimensional, o complexo. Essas relações exauram as comuns analogias com a ética, uma ruptura epistemológica e paradigmática, de uma nova visão para com o homem e seus 'irmãos' e com o planeta-vivo, com Gaia. Essas relações surgirão pela necessidade, e o nosso papel como educadores é o de abalizar os pontos e tentar ligá-los, irrigar as sementes acreditando no pôr-vir. Nesse sentido a Agricultura Natural apresentou-se, com suas relações de bom convívio com as Leis da Natureza, um alicerce para iniciar as relações com os jovens na "reintrodução" emotiva consigo e com o próximo. Próximo no sentido mais amplo, no próximo vivente, animais, plantas, bactérias e em com toda a matéria absorvente de energia cósmica...

O fazer com – responsabilidade, em que com o contato com a terra, com as plantas e árvores em crescimento e posterior plantio, se tem a formação, ou mesmo, a reestruturação de valores. Esta relação, entendida por O. Wilson de *bio-filia* (apud. CAPRA, 2006, p.73), seria a capacidade presente em todos os seres humanos de se inter-relacionar com os aspectos da natureza, sendo mais acentuada, segundo Wilson, nas crianças e adolescentes.

Segundo as observações práticas, a *bio-filia* seria uma relação mais presente entre crianças e adolescente, público alvo do trabalho desenvolvido, devido a estes ainda não caírem nas malhas da ilusão, do chamado 'Véu de Maya'<sup>5</sup>, que nada mais seria que o preenchimento durante anos e mais anos, na mente do adulto, de conteúdos e paradigmas do como ver e relacionar-se com o mundo que o rodeia. Como pode se observar nos escritos de Silva (2005, p. 36) em que "nossa visão de mundo literalmente está condicionando nossas ações. É necessária nossa intervenção clara para rever nossos conceitos, nossos procedimentos, nossos sentimentos, nossas reações automáticas", buscando a 'luz', 'saindo da caverna'<sup>6</sup> em busca da *Phainestha*<sup>7</sup>.

Devido a estes procedimentos de nossa espécie, a esta visão turva da realidade, que hoje a sociedade contemporânea situada em um momento de transitoriedade do

<sup>5</sup> "Segundo Zimmer, 'Maya denota o caráter insubstancial e fenomênico do mundo por nós observado e manipulado, bem como o da própria mente e, ainda, das camadas e faculdades conscientes e subconscientes da personalidade'. [ZIMMER, H. *Filosofias da Índia*. SP: Palas Atena, 1986, p.26]. De acordo com Campbell, compilador da obra de Henrich Zimmer, 'Maya', da raiz *ma*, 'medir, formar, construir', denota, em primeiro lugar, o poder de um deus ou demônio em produzir efeitos ilusórios, mudar de forma e aparecer sob máscaras enganosas. [...] *Maya*, na filosofia vedantina, é especificamente a ilusão sobreposta à realidade como efeito da ignorância'. [Idem, p.46, nota]. Vale lembrar que, para esta tradição, o caráter ilusório próprio ao mundo fenomênico não significa, no entanto, que este seja totalmente desprovido de realidade, mas, sim, que este seja o modo de conhecimento da realidade enquanto permanece a ignorância (*avidya*). Tomar o mundo fenomênico como ilusório no sentido de inexistente, tal como os unicórnios, é um equívoco comum aos iniciantes dessa tradição, ou aos leitores desavisados" (*O "pensamento único" da Metafísica da Vontade: as questões da ética e da liberdade*. Disponível em: <[http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG\\_0599.EXE/7206\\_3.PDF?NrOcoSis=20536&CdLinPrg=pt](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/7206_3.PDF?NrOcoSis=20536&CdLinPrg=pt)>).

<sup>6</sup> Referência a alegoria da caverna de Platão, ver *A Republica*, capítulo V.

<sup>7</sup> *Phainesthai* (grego: "mostrar-se" ou "estar na luz"), o modo como às coisas se apresentam, desvelamento, rompimento do "Véu de Maya".

pensar, mergulha em busca do refletir os constantes questionamentos que afloram em torno de todas as áreas, como já nos disse o Zaratustra de Nietzsche, “é necessário ter em si, ainda, o caos<sup>8</sup>, para parir uma estrela dançante. Eu vos digo: vós tens ainda o caos dentro de si” (NIETZSCHE, 1957, p. 12).

Esse aparente caos exterior é derivado desse caos interior, da consciência do homem, das formas de se situar e ver através do ‘véu de maya’. Mas o que não alvitra são das necessárias transformações de nossos valores, “normas, princípios ou padrões sociais aceitos ou mantidos por indivíduo, classe, sociedade[s], etc” (FERREIRA, 1999, p. 2044).

Nossa espécie em seu processo histórico não apresentou, significativamente, situações que buscassem um melhor relacionamento com nossa ‘mãe Gaia’. Vemos expressos nas propostas políticas, educacionais, nas relações científico-tecnológica, da cultura alimentar, do religioso, da relação entre os homens consigo e com o mundo que o cerca, um limitar (o mero negar do *dasein*<sup>9</sup>), um afastar, que caminha a um vazio existencial, a um niilismo, como já nos apontaram Nietzsche e Foucault.

Com esse vazio que caminhamos em nossa aceitação, deparamo-nos com uma geração ‘internáutica’ que cada vez se isola mais do mundo, no contato com o outro e por que não consigo mesmo. Uma visão moderna de cisão, parcializando o mundo e a vida, desarmonizante, partes fragmentadas da existência que pode ser enquadrada como doença grupal, que vai além da tão comum esquizoidia para celeremente chegar ao limite, perigoso, de uma esquizofrenia coletiva (DUARTE, 2000, p. 70). A geração “internautica” contemporânea encontra-se em situação de perdição frente a tantas informações, velozes, tecnológicas, alternantes, desamparados por não saberem como estas podem ser úteis no dia a dia, nas relações estabelecidas de um por vir, devir que amenize as angustias existenciais.

<sup>8</sup> “Caos: propriamente: abismo hiante. Estado de completa desordem anterior à formação do mundo e a partir do qual se inicia tal formação do mundo, segundo a mitologia. Diz Hesíodo “Antes de todos os seres houve o Caos, depois a Terra de largo seio” (Teogonia, V, 116)” (ABBAGNANO, 2000, p. 380). “Comportamento praticamente imprevisível exibido em sistemas regidos por leis deterministas, e que se deve ao fato de as equações não-lineares que regem a evolução desses sistemas serem extremamente sensíveis a variações, em suas condições iniciais; assim, uma pequena alteração no valor de um parâmetro pode gerar grandes mudanças no estado do sistema, à medida que este tem uma evolução temporal”(FERREIRA, 1999, p. 394).

<sup>9</sup> A palavra **Dasein** vem do Alemão e significa *Ser-aí*. O **Ser-aí** expressa o imediatismo e o inevitável, características da condição existencial. O **“aí”** é a abertura para o mundo iluminado e compreensivo. A característica básica do *Dasein* é a sua abertura para perceber e responder a tudo aquilo que está em sua presença. A utilização do termo **Dasein** é contemporânea, surgindo como fenômeno, isto é, como algo que se mostra a si mesmo. O Filósofo e Pensador, Martin Heidegger, re-significou a palavra *Dasein* para a expressão **ser-no-mundo**. “Ser” e não “Estar”; no sentido de existência e co-existência, e não de permanência ou passagem. Não se trata do homem interagir com o mundo, pois nesse caso daria a entender que pessoa e o seu ambiente são coisas distintas. Trata-se da relação e co-existência e até interdependência, entre pessoas e/ou ambiente, isto é entre “Daseins” [o grifo é nosso] SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *Novas Perspectivas para a Psicologia Clínica: um estudo a partir da obra “Saint Genet: comédien et martyr” de Jean-Paul Sartre*. Disponível em: <<http://www.psiclin.ufsc.br/Tese%20Daniela%20Schneider%20em%20PDF.pdf>>.

Alusão bem posta pelos pensamentos de Félix Guattari, que a nossa atual crise global necessita de uma autêntica revolução política, social e cultural, re-orientando os objetivos das produções de bens materiais e imateriais, e com certeza da relação entre sujeito-objeto-sujeito. Essa relação deve se traçar no construir-destruindo, não só nas relações de forças visíveis em grande escala, mas também visando os domínios moleculares do sentir, do inteligir e do desejar (GUATTARI, 1990, p. 9).

O nosso estar-no-mundo acompanha uma necrose de nosso Bem sentir o mundo. Os sentidos são menosprezados em favor de um alinhamento da produção do pensar racional, se fazendo *sui generis* um re-alinhamento. Para o questionamento levantado Hillman aponta que:

queremos o mundo porque ele é bonito, seus sons, seus cheiros e suas texturas, a presença sensorial do mundo como um corpo [obs. pessoal: entendendo corpo em sua forma de intercorporeidade, além da consciência intencional, merleau-pontiana]. Resumindo, por baixo da crise ecológica está a crise mais profunda do amor: que nosso amor tenha abandonado o mundo, que o mundo esteja desamado, é o resultado direto da repressão da beleza, de sua beleza e de nossa sensibilidade para ela. Para que o amor retorne ao mundo, é preciso, primeiramente, que a beleza retorne, ou estaremos amando o mundo só como uma obrigação moral (HILLMAN, 1993, p. 131).

A citação nós insita a pensar que esse buscar de um novo amor, um amor Gaico<sup>10</sup>, deve ser acompanhado de uma re-educação, um re-educar dos sentidos (alinhamento da estesia<sup>11</sup>), a somatória de uma transvaloração dos valores. O destruir o edifício social, com todos os seus *êthos* e *éthos*<sup>12</sup>, buscando de seu terreno, de seus alicerces, um re-construir de um novo hábitat, com novas formas de habitá-lo (senti-lo), relacionar-se (estar-no-mundo).

E qual seria o papel do educador?

O momento histórico é o de re-pensar o mundo, deixando gotículas do vivido para que os que virão (“Crianças Índigos<sup>13</sup>”), possam fazer uso de todos os erros e

<sup>10</sup> De *Gaia*, *Géia* ou *Gê* era a deusa da Terra, na antiga Grécia era o elemento primordial e latente de uma potencialidade geradora quase absurda. Atualmente temos com relevância a teoria ou hipótese Gaia, tese que sustenta ser o planeta Terra um ser vivo, afirmando que a biosfera do planeta é capaz de gerar, manter e regular as suas próprias condições de meio-ambiente. As reações do planeta às ações humanas podem ser entendidas como uma resposta auto-reguladora desse imenso organismo vivo, *Gaia*, que sente e reage organicamente.

<sup>11</sup> “Estesia: [Do gr. *aisthesía*.] Sentimento do belo, sensibilidade” (FERREIRA, 1999, p. 834).

<sup>12</sup> “*Éthos*: ‘caráter de alguém’; *êthos*: ‘o conjunto de costumes instituídos por uma sociedade para formar, regular e controlar a conduta de seus membros’” (ABBAGNANO, 2000, p. 380). Obs.: A palavra ética tem sua etimologia do grego *ethos*.

<sup>13</sup> “Uma Criança Índigo é aquela que apresenta um novo e incomum conjunto de atributos psicológicos e mostra um padrão de comportamento geralmente não documentado ainda. Este padrão tem fatores comuns e únicos que sugerem que aqueles que interagem com elas (pais em

acertos cometidos, e assim, e só assim, possam construir algo novo, repleto de um novo amor, de um novo olhar do mundo e com o mundo. Para tanto, nosso olhar frente a esta realidade deve modificar-se, nosso olhar repleto de conceitos herdados, deve sorrir um sorriso de esperança. As crianças e jovens que apresentam algum “distúrbio” de comportamento rotulados pela sociedade, devem ser encarados de outra forma. Inicialmente deve-se buscar ouvi-los, saber de sua historicidade frente a esta realidade tão tenebrosa que se debruçam no crescer e desenvolver de seus atos.

Em segundo momento o colocar-se em um movimento de empatia, e refletir: Como eu agiria se vivenciasse as mesmas situações? Será que não cometeria os mesmos delitos ou piores? (dando um chute na canela de Sartre<sup>14</sup> ... e afirmando a liberdade transcendente de Karl Jasper<sup>15</sup>) Até que ponto a liberdade não esta condicionada aos fatores do social, do vivido e dos limites? Em que sentido uma sociedade, com suas bases do consumismo e do totalitarismo, não produz e necessita desses jovens? Como demonstrar a estes jovens, objetivos, antes de cometerem os delitos e serem conduzidos a instituições de re-socialização? Como trabalhar com estes jovens, após sua saída dessas instituições? (algo além da liberdade assistida). Visando a sua reinserção, “adequação” as normas sociais.

Buscamos mecanismos para uma ordenação, criamos normas, limites, leis, paradigmas, relações que acreditamos serem verdadeiras, queremos que todos sejam enquadrados, se adequando, mas nos esquecemos que a natureza apresenta seu próprio ordenamento, e como seres componentes da teia natural, deveríamos no mínimo ter como hipótese, que Gaia já nos mostra como devemos caminhar...

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BERGSON, H. **A evolução criadora**. São Paulo: edições 70, 2001. (Original publicado em 1907).

---

particular) mudam seu tratamento e orientação com objetivo de obter o equilíbrio. Ignorar esses novos padrões é potencialmente criar desequilíbrio e frustração na mente desta preciosa nova vida” (Lee Carroll).

<sup>14</sup> Jean-Paul Sarte (1905-1980) defende que o homem tem a responsabilidade pelo seu passado, presente e futuro e por tudo o que se encontra ao seu redor. Podemos fazer escolhas, sempre podendo mudar o que somos. Quase apresenta uma negação total das implicações deterministas. Uma de suas frase mais conhecidas é “Estamos condenados a ser livre”, onde apresenta a liberdade como uma “penalidade” a ser cumprida no próprio existir.

<sup>15</sup> Karl Theodor Jasper (1883-1969) com sua proposta existencialista vinha afirmar que o existir e um transcender na liberdade, intimamente vinculado a historicidade e situações concretas.

CARROL. Lee; TOBER, Jan. **Crianças Índigo: crianças muito especiais estão chegando!.** São Paulo: Butterfly, 2005.

DUARTE J., João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** (Tese de doutorado) Faculdade Estadual de Campinas. 2000.

FAZENDA, Ivani C.. **Desafios e perspectivas do trabalho interdisciplinar no Ensino Fundamental Contribuições das pesquisas sobre Interdisciplinaridade no Brasil: O reconhecimento de um percurso,** 2010.

\_\_\_\_\_. **Integração como proposta de uma nova ordem na Educação.** In: Linguagens, espaços e tempos. Rio de Janeiro: Agir, 2000.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa. Século XXI.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Nali Rosa Silva. **As concepções de Transversalidade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade como base do processo de formação de formadores da Educação Básica;** um estudo de caso no Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. (tese de Mestrado em Tecnologia. Área de concentração: Educação Tecnológica) 2001.

GADOTTI, Moacir. **Concepções dialéticas da educação.** 9. ed.. São Paulo: Cortez, 1995.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Campinas: Papirus, 1990.

HILLMAN, James. **Cidade & Alma.** São Paulo: Studio Nobel, 1993.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D.. **Dicionário Básico de Filosofia.** 4. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Trad. de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MATURA, Humberto. **A ontologia da realidade.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MIYASAKA, S. **Agricultura natural: um caminho para a sustentabilidade.** São Paulo: Associação Mokiti Okada, 1993.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

OLIVEIRA, Clara Costa. **Holismo: aprender e educar.** Universidade do Minho. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6215.pdf>>. Acessado em: 03 set. 2010.

OKADA, Mokiti. **O Pão Nosso de Cada Dia**: o alimento espiritual do cotidiano (título original - Hibi no Kate: Inori no Shiori). São Paulo: Margraf, 1995.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultura, 1997. (Círculo do Livro)

SIQUEIRA, Holgónsi Soares Gonçalves. **Formação interdisciplinar**: exigência sóciopolítica para um mundo em rede. Abertura do VII Simpósio Estadual de Economia Doméstica (tema: "Interdisciplinaridade no contexto universitário"), UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão-PR, em 08/12/2003. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/mundorede.html>>. Acessado em: 18 ago. 2010.

SOUZA, Fernando César de. **Jornadas interdisciplinares**: do mito de quíron à construção da metáfora da cura na escola. Tese (Doutorado) - Pontifícia universidade Católica de São Paulo (PUC). 2009.

